



EDITORA DA UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

Coordenação Editorial
IRMÃ JACINTA TUROLO GARCIA

Assessoria Administrativa
IRMÃ TERESA ANA SOFIATTI

Assessoria Comercial
IRMÃ ÁUREA DE ALMEIDA NASCIMENTO

Editor
LUIZ EUGÊNIO VÉSCIO



IMPRESA OFFICIAL DO ESTADO

Diretor Presidente
SÉRGIO KOBAYASHI

Diretor Vice-Presidente
LUIZ CARLOS FRIGERIO

Diretor Industrial
CARLOS NICOLAEWSKY

Diretor Financeiro e Administrativo
RICHARD VAINBERG

DICIONÁRIO TEMÁTICO DO OCIDENTE MEDIEVAL

V O L U M E I

JACQUES LE GOFF & JEAN-CLAUDE SCHMITT

coordenador da tradução

HILÁRIO FRANCO JÚNIOR

SBD-FFLCH-USP



237360



IMPRESA OFFICIAL DO ESTADO



Editora da Universidade do Sagrado Coração

9 cópias

IDADE MÉDIA

Idade Média não existe. Este período de quase mil anos, que se estende da conquista da Gália por Clóvis até o fim da Guerra dos Cem Anos, é uma fabricação, uma construção, um mito, quer dizer, um conjunto de representações e de imagens em perpétuo movimento, amplamente difundidas na sociedade, de geração em geração, em particular pelos professores do primário, os "hussardos negros" da República, para dar à comunidade nacional uma forte identidade cultural, social e política. Tentaremos perceber a trama desse mito, do fim da Idade Média tradicional ao fim do segundo milênio. A fim de conservar a coerência deste estudo, privilegiamos o caso francês, embora fornecendo amplas visões europeias ou mesmo planetárias. A França é provavelmente o único país ocidental em que, na época temporânea, sua memória medieval esteve tanto tempo e tão profundamente dividida no plano cultural, político e religioso, e no qual a Idade Média ainda hoje constitui um excelente indicador das *Paixões francesas*, como, de resto, se pôde verificar em 1996, por ocasião dos intensos debates sobre as origens nacionais suscitados pelo "ano Clóvis", em contraposição ao bicentenário da Revolução.

DO HUMANISMO AO NEOCLASSICISMO

A aparição de um conceito desvalorizante de "idade média", quer dizer, literalmente, de "época intermediária", é consequência de um duplo fenômeno cultural e religioso. Resulta da vontade manifesta dos humanistas italianos, desde o século XIV, de retornar às fontes da Antigüidade Clássica em sua pureza e autenticidade filológicas, livre das escórias e das alterações lingüísticas provocadas pelas glosas posteriores aos "Sorbonnards". Como observa Jean-Marie Goulemont, a *scienza nuova* de Petrarca constitui sobretudo "um esforço para limpar o pó do tempo, perceber sob as rugas da idade o frescor dos primeiros sorrisos do mundo". Esta abordagem filológica também favorece a tentativa da Reforma Protestante de retornar ao texto sagrado, reencontrar o cristianismo das origens e denunciar uma Igreja Católica presa ao visco da cidade terrestre e que se tornou indiferente aos ideais evangélicos da Cidade de Deus. Posta entre dois cumes da civilização – a Antigüidade Clássica e o Renascimen-

to – a transição medieval será doravante, por muitos séculos, considerada com desprezo, como um período de profunda decadência no domínio cultural, intelectual e artístico (a arte “gótica” denegrada por Miguel Ângelo), e como uma interminável noite que os raios de sol do século XVI enfim dissiparam.

A terminologia inventada por Petrarca e os humanistas italianos do século XIV – *medium tempus* ou *media tempora* – desenvolve-se na segunda metade do século XVII entre os eruditos alemães e franceses. Em 1676, Christophe Cellarius (ou Keller), professor em Halle, publica em Iena a primeira verdadeira história medieval em latim. Em 1681, Charles du Cange edita seu famoso *Glossarium ad scriptores mediae et infimae latinitatis* (*Glossário da latindade medieval e tardia*). O século XVIII assume e aperfeiçoa – com as principais línguas europeias substituindo o latim – esta divisão ternária da história (Antiguidade, Idade Média, tempos modernos), para melhor celebrar, como o faz Voltaire nos *Ensaio sobre os costumes* (1756), a vitória das Luzes sobre o obscurantismo clerical e o triunfo de uma civilização refinada sobre a grosseria e a barbárie desses longínquos séculos de ferro. No entanto, às vésperas da Revolução, a expressão “Idade Média” começa a tornar-se, entre os eruditos europeus, um termo técnico mais neutro, desprovido de conotação pejorativa, confortável para designar um período recuado no tempo.

Por outro lado, ao contrário do que se costuma pensar, na França não foi preciso esperar a época romântica para que houvesse interesse pela Idade Média e se buscasse nela temas de inspiração literária e musical. O próprio Voltaire, este cáustico acusador das trevas medievais, é autor, em 1734, de *Adélaïde Duguesclin*, obra cuja ação se desenrola no reinado de Carlos VII. Na sequência, a maior parte dos grandes dramaturgos do século XVIII pôs em cena figuras de proa ou eventos da Idade Média: Dormont de Belloy, *La siège de Calais* (1765); La Harpe, *Pharamond* (1765); Louis Sébastien Mercier, *Childéric* (1774), *La mort de Louis XI* (1784), *Jeanne d'Arc* (1789); Sedaine, *Maillard ou Paris sauvé* (1782). Em 1782, Sedaine, associado ao compositor Grétry, monta a ópera *Richard Cœur de Lion*, da qual o famoso recitativo “Oh, Ricardo! Oh, meu rei! O universo te abandona!” torna-se uma senha realista durante a Revolução. Em 1791, Jean-François Ducis encena no Théâtre-Français *Jean-sans-Terre, ou la Mort d'Arthur*. Rouget de Lisle, imortalizado por *La marseillaise*, é também autor de um outro cântico de guerra: *Roland à Roncevaux*. O sucesso dos *Templiers* de Raynouard, em 1805, constituiu o coroamento de toda esta corrente neoclássica.

Quanto à partilha implícita dos temas que se costuma propor a partir de 1820 na literatura – os europeus antigos para o drama clássico, a inspiração

medieval para os palcos românticos – trata-se de uma visão redutora que não corresponde à realidade. Ponsard, encarnado adversário do teatro romântico, encena, em 1846, um drama de inspiração medieval, *Agnès de Méranie*. Enfim, por ironia da história, “Hugo” é eleito, em 1841, para a Academia Francesa na cadeira de um “antiquado”, Népomucène Lemercier, do qual boa parte da obra dramática também apresenta uma fachada medieval, embora mantendo uma arquitetura rigorosamente clássica. Portanto, é preciso procurar noutro lugar as características da visão romântica da Idade Média...

A IDADE DE OURO DA IDADE MÉDIA ROMÂNTICA NO SÉCULO XIX

O século XVIII detesta a Idade Média que o Romantismo venera. Provavelmente é o traumatismo revolucionário e seu vandalismo, ferindo ao mesmo tempo a arquitetura e o patrimônio escrito – como reconhece Michelet, os arquivos também tiveram seu Tribunal Revolucionário – que revela aos criadores românticos, que o ignoravam, a Idade Média aos pedaços, a Idade Média ultrajada; “re encontram a Idade Média do mesmo modo que os primeiros humanistas havia reencontrado a Antiguidade: é certo que a re encontram, mas como alguma coisa definitivamente perdida” (Ch.-O. Carbonell). E o choque que a maior parte dos românticos sofreu durante a infância no Museu dos Monumentos Franceses – aberto por Alexandre Lenoir em 1795 e fechado em 1816 pela Restauração – teve profundas conseqüências: suscita uma nova relação com o tempo; desemboca na proclamação revolucionária de que o Povo é o ator privilegiado da história, encarnação viva da Nação francesa; contribui, enfim, para a sagração do Herói.

À universalidade da razão e da natureza humana afirmada pelos clássicos, os românticos opõem o sentimento de que cada momento da história é único, irredutível ao que o precede e ao que o segue, e que é preciso restituí-lo com sua cor própria, respeitando seu tempo particular, como o faz com imenso sucesso Augustin Thierry, em 1840, nos seus célebres *Récit des temps mérovingiens*. Os românticos são igualmente apaixonados pelos períodos de transição e de ruptura nos quais o tempo estremece. Assim, pode-se ler *Notre-Dame de Paris* de Hugo (1831) como a crônica de uma revolução anunciada, a de 1789, preparada pelo rápido crescimento da imprensa sob Luís XI e pela ascensão da burguesia, que, ao cabo, ameaça a hegemonia cultural e política da Igreja. “Isso matará aquilo”: o Livro matará o catolicismo simbolizado pela catedral gótica. Neste interesse apaixonado pela fraturas temporais enxerta-se

a busca obsedante pelas origens. Em Michelet, essa busca toma um aspecto quase biológico e carnal. Nessa pesquisa de talhe antropológico, Michelet assimila a Idade Média à infância do povo, a uma etapa capital de seu desenvolvimento psíquico e moral.

No canteiro de obras da *Histoire de France* aberto por Michelet após 1833, numa perspectiva de ressurreição integral do passado, a aventura comum da Nação Francesa, do ano 1000 à época de Joana d'Arc, substitui a enfiada monótona e repetitiva dos reinos que vão de Faramonde a Luís XI; o longo combate da Liberdade contra a Fatalidade toma o lugar da crônica anedótica das cabeças coroadas. Assim, do mais longínquo passado medieval surgem heróis trágicos que encarnam as virtudes eternas da França (bravura, senso de dever e de sacrifício, generosidade, combate pela liberdade etc.): Rolando, Estevão Marcel, Du Guesclin e, claro, Joana d'Arc. A sacralização das figuras de proa dos tempos medievais exprime-se igualmente pelo pincel de artistas visionários como Eugène Delacroix: com Dante e Virgílio em *La barque de Dante* (1822), João, o Bom, na *Bataille de Poitiers* (1830), Carlos, o Temerário na *Bataille de Nancy* (1831), São Luís na *Bataille de Taillebourg* (1837) ou na *Entrée des croisés à Constantinople* (1840), Delacroix ressuscita, numa mistura confusa de cavalos revestidos de couraça, de lanças e de auriflamas, o *Grande Exército* dos cavaleiros da Idade Média.

A redescoberta da história medieval manifesta-se, enfim, pela proteção e reabilitação do patrimônio monumental, tomado aos cuidados do Estado na segunda metade do século XIX, que confia a Viollet-le-Duc a direção dos canteiros de restauração de Vézelay, Carcassonne, Toulouse, Pierrefonds. Embora as audácias arquitetônicas de Viollet-le-Duc provoquem o ódio dos especialistas, elas encantam o grande público. Como nota ironicamente Marcel Proust em *Sodoma e Gomorra*, "para o pequeno comerciante que, no domingo, vai às vezes visitar edifícios dos 'velhos bons tempos', muitas vezes é naqueles em que todas as pedras são do nosso tempo [...] que ele sente melhor a sensação da Idade Média". Além-Reno, este fenômeno monumental e patrimonial reveste-se de dimensão nacionalista: a conclusão da catedral de Colônia em 1880 e o desenvolvimento do Museu Nacional Germânico de Nuremberg simbolizam a unificação da Alemanha, vitoriosa sobre a França em 1870, e o estabelecimento de um novo Sacro Império Romano-Germânico.

O CULTO NACIONAL DE JOANA D'ARC

Na França, a Idade Média invadiu a praça pública, a escola e o lar para responder às exigências da Revanche e, sobretudo, legitimar os combates políticos e religiosos que ritmam a vida da III República. A aspereza dessas "batalhas pela memória" medieval é, de resto, bem resumida pelas controvérsias sobre o destino de Joana, a Donzela. Para a esquerda, Joana Darc – com esta ortografia valorizando sua origem popular, fazendo-a irmã de Zé Ninguém – continua a ser a filha do povo, a encarnação viva da nação, a mártir de sua independência, a fundadora de sua unidade. E, com certeza, a vítima simbólica da Igreja, seu suplício sendo a prova mais acabrunhante da impostura desta instituição criminosa e bárbara. Os católicos, ao contrário, saúdam na época de Joana d'Arc – a grande Francesa, a grande Cristã, a grande Santa, segundo os pregadores – o testemunho mais intenso da sustentação indefectível que a divina Providência acorda à "filha primogênita da Igreja", promotora das Cruzadas, esta *Gesta Dei per Francos* ("os grandes feitos de Deus por intermédio dos francos"). Desta perspectiva sobrenatural, os católicos conferem a Joana uma dimensão quase cristológica: assim como Jesus morreu na cruz para expiar os pecados dos homens, Joana foi queimada em Rouen para expiar os sacrilégios e crimes de Filipe, o Belo – o atentado de Anagni contra Bonifácio VIII, em 1303 – e de Isabel da Baviera: o "vergonhoso" tratado de Troyes de 1420.

A impotência do parlamentar republicano Joseph Fabre em fazer adotar pela Câmara dos Deputados, em 1884, depois pelo Senado, em 1894, 8 de maio como festa nacional ilustra até à caricatura as divisões que a heroína da Lorena suscita na sociedade francesa entre 1880 e 1914. Do seu lado, a Igreja proclama Joana Venerável em 1894 e Beata em 1909. É verdade que o Parlamento francês consagra, em 1920, 8 de maio à lembrança nacional da heroína, no mesmo ano em que Roma a põe sobre os altares, mas esta lei é obra da Câmara "bleu horizon", eleita em 1919 e dominada pelo Bloco Nacional, que reúne a direita moderada.

Os manuais escolares de duas escolas rivais, a dos "hussardos negros da República" e a dos frades, contribuíram para difundir na França profunda duas interpretações conflituosas da Idade Média. Os das escolas confessionais valorizam os tempos fortes da Cristandade: o batismo da França com Clóvis em 496, o coroamento imperial de Carlos Magno em Roma no ano de 800, a tomada de Jerusalém pelos cruzados em 1099, o século XIII, considerado globalmente como o apogeu da civilização cristã em razão da vida exemplar

de São Luís, do prestígio intelectual dos doutores da Sorbonne e da difusão artística da arte gótica na Europa. Os das escolas laicas exumam do passado medieval todos os eventos que prenunciam a grande Revolução Francesa: o movimento comunal do século XII, os Estados Gerais e as revoluções parisienses do século XIV. Em certa literatura progressista, Estevão Marcel é, deste modo, considerado como uma espécie de Danton medieval que, no relógio da história, tentou fazer soar 1789 em 1358!

No entanto, malgrado estas querelas de família, existe também, na III República, uma Idade Média patriótica e nacional suscetível de reconciliar as duas França: embora os leigos julguem com condescendência a devoção monástica de São Luís e sua participação na Cruzada, eles celebram sem se fazerem de rogados a vitória de Luís IX sobre os ingleses em Taillebourg e em Saintes, e a inclusão do Languedoc no domínio real com o "sangue, suor e lágrimas" da cruzada contra os albigenses. Nos dois campos, enfim, Filipe Augusto, o vencedor dos alemães em Bouvines, e Luís XI, que derrotou Carlos, o Temerário, são considerados infatigáveis artesãos da unidade nacional que fizeram por merecer o reconhecimento da pátria...

Além das controvérsias sobre o passado medieval, os manuais das duas escolas sobretudo legaram aos pequenos franceses do século XX uma brçada de imagens mitológicas que constitui o que Gaston Bonheur qualificou em 1963 de "álbum de família de todos os franceses" e que povoa ainda o inconsciente coletivo: o episódio do vaso de Soissons, Rolando soando sua trompa em Roncevaux, Carlos Magno felicitando os bons estudantes e exortando os preguiçosos, São Luís distribuindo justiça familiarmente sob o carvalho de Vincennes, Carlos VI tomado de loucura na floresta de Mans, Joana d'Arc reconhecendo Carlos VII em Chinon, Luís XI em Plessis-lès-Tours visitando suas "meninhas" ou aterrorizado com a aproximação da morte. Embora logo após a Grande Guerra, prolongando a "União Sagrada", as polémicas políticas e religiosas acerca da Idade Média tenham se interrompido na França, elas encontram um novo vigor na Europa totalitária, que busca numa Idade Média reinterpretada de modo preconceituoso as inquietantes legitimações históricas da construção de uma terrificante ordem nova.

OS USOS DA IDADE MÉDIA DE 1920 A 1945

Os velhos mitos que exaltam a memória do Sacro Império Romano Germânico são habilmente reatualizados e explorados por Hitler a serviço de seus

negros desígnios. Para reforçar o liame entre o Führer e os antigos soberanos germânicos e apresentar o fundador do III Reich como o herdeiro natural daqueles, a propaganda nazista não se contentou em organizar na embaixada da cidade medieval de Nuremberg os congressos do Partido Nacional-Socialista. Ela usou igualmente a monumental biografia que, fascinado pelo poder dos heróis medievais, o historiador Ernst Kantorowicz tinha consagrado, em 1927, ao imperador Frederico II de Hohenstaufen, construtor de um Estado Absoluto fortemente centralizado, no qual os nazistas saúdam a matriz do "Reich de mil anos" prometido pelo guia carismático da Alemanha eterna. Em 1939, o próprio Kantorowicz, desiludido e refugiado nos Estados Unidos, denuncia a recuperação totalitária do passado, enfatizando, numa nota das *Laudes regiae*, como a aclamação que desde a Anschluss de março de 1938 acolhia Hitler em suas paradas militares diante de multidões exaltadas – *ein Reich, ein Volk, ein Führer* ("um só Império, um só povo, um só chefe") – é um eco sinistro da divisa do imperador Frederico Barba-Ruiva: *unus Deus, unus papa, unus imperator* ("um só Deus, um só papa, um só imperador").

Para melhor denunciar os crimes nazistas, os artistas antifascistas também recuperaram a Idade Média. Em 1934, o comunista alemão John Heartfield afineta a barbárie de camisa parda com uma fotomontagem impactante composta de duas janelas horizontais superpostas: na de cima, a fotografia de um alto-relevo medieval mostrando um homem supliciado sobre a roda; na de baixo, um cadáver nu sobre uma cruz gamada, numa posição parecida à do primeiro corpo martirizado. A legenda indica sobriamente: "Como na Idade Média". Entretanto, o próprio Stalin, às vésperas de um conflito com o III Reich que ele pressente inevitável, não hesita em exumar do passado russo mitos fundadores suscetíveis de galvanizar o patriotismo nacional: o esmagamento dos cavaleiros teutônicos na "batalha do gelo", na Livônia, em 1242, reconstituída por Eisenstein na famosa cena de *Alexandre Nevski* (1938); parece prefigurar assim a heroica resistência dos combatentes russos à invasão estrangeira.

Na mesma época, no Ocidente, a Idade Média constitui uma inesgotável reserva de imagens dramáticas cuja exploração, em especial pela indústria cinematográfica americana, contribuirá para criar um imaginário universal.

A IDADE MÉDIA NO TEMPO DA CULTURA DE MASSA

Após 1920, as novas mídias prolongam a visão romântica da Idade Média. Durante mais de quarenta anos, as superproduções medievais realizadas

por Hollywood, esta máquina de fabricar sonhos para o mundo todo, apresenta características comuns, do *Robin Hood* de Allan Dwan, com Douglas Fairbanks, em 1922, ao *Cid* de Anthony Mann, em 1960: o cenário colossal, a abundância de figurantes, a beleza e o luxo das vestes e, sobretudo, a absoluta indiferença em relação à “concordância dos tempos”! Quando Hollywood se apropria da herança cultural europeia, ignora soberbamente a verossimilhança histórica e não hesita em jogar abertamente com o anacronismo. Em 1935, *As Cruzadas* de Cecil B. de Mille celebram sem complexo o imperialismo americano; em 1950, *A Flecha e a Tocha* de Jacques Tourneau faz clara referência, por meio do relato de uma luta de libertação nacional no século XII, à resistência à ocupação alemã da Europa. *As Aventuras de Robin Hood* de Michael Curtiz (1938), com Errol Flynn, e sobretudo a trilogia memorável de Richard Thorpe – *Ivanhoé* (1952), *Os cavaleiros da Távola Redonda* (1954) e *Quentin Durward* (1955) – exaltam, em plena Guerra Fria, face ao Império Soviético, os valores de uma América dominadora e segura de si: o individualismo criador, a fraternidade viril, o impulso conquistador de uma nação jovem e dinâmica, a defesa da liberdade oprimida, o espírito de empreendimento, a tolerância religiosa etc. Ao mesmo tempo, Hollywood não tem o monopólio do sonho medieval e duas das maiores obras-primas concernentes à Idade Média são criações escandinavas: o inesquecível *A paixão de Joana d’Arc* de Dreyer, em 1928, e *O Sétimo Selo* de Ingmar Bergman, em 1956, visão amarga e desencantada da Cruzada, em que transparece a obsessão da peste contemporânea, o apocalipse nuclear.

Nos últimos vinte anos, nossa relação com o passado medieval mudou tão profundamente que se pôde comparar o retorno da Idade Média àquele da geração de 1830. Assim como a monumental *Notre-Dame de Paris* de Victor Hugo sobressai sobre os Trinta Gloriosos românticos, o pantagruélico *O nome da rosa* de Umberto Eco, “policial” metafísico medieval, domina livremente a maré de romances históricos, em geral cor-de-rosa, que desde 1979 segue *La chambre des dames*...

NOVAS IMAGENS, NOVOS RELATOS

Distanciados por mais de 150 anos, os dois períodos apresentam curiosas analogias. Como na época romântica, a Idade Média suscita um conjunto de imagens frescas. O triunfo da tradução francesa de *O nome da rosa*, em 1982, longe de ser um fenômeno isolado, prolonga o sucesso das novas produções

culturais originais, surgidas em meados dos anos 70, em especial no cinema, nas revistas em quadrinhos, nos romances, às vezes na música e na ópera...

Já mais ou menos há uns vinte anos, o cinema e a televisão viraram desliberadamente as costas à superprodução medieval: com *Lancelote do Lago* (1974) e *Percival, o Gaulês* (1978), por exemplo, Robert Bresson e Éric Rohmer propuseram uma releitura ao mesmo tempo muito pessoal e muito sóbria e rigorosa da lenda arturiana. Dando continuidade a estas obras “minimalistas” de onde o espetacular está voluntariamente banido, a década de 80 é dominada por projetos ambiciosos. Na televisão, Jean-Dominique de La Rochefoucauld realiza, em 1987, *O ano mil*, Serge Moati, *A Cruzada das Crianças*, em 1988, e Philippe Monnier, *O menino dos lobos*, em 1990, baseado em *La revolte des nonnes* de Régine Deforges. No cinema, a atitude austera de Suzanne Schiffman em *O monge e a feiticeira*, em 1986, ou crepuscular em *A paixão de Beatriz* de Bertrand Tavernier, em 1987 – visão desesperante, mas inspirada e apaixonada, de “o outono da Idade Média” – provavelmente desencorajaram o grande público, que acolheu, por outro lado, a adaptação colorida – mas vazia de seu substancial tutano – de *O nome da rosa* por Jean-Jacques Annaud, em 1986, e sobretudo a comédia comportada, desprovida de qualquer pretensão histórica, proposta por Jean-Marie Poiré em *Os visitantes*, que fez rir mais de treze milhões de pessoas em 1993!...

Entretanto, em 1994, Jacques Rivette demonstrou brilhantemente, com *Joana a Donzela* – filme em duas partes: *As batalhas* e *As prisões* – que com meios relativamente limitados e sem efeitos especiais pode-se perceber de maneira sensível, a milhas dos clichês escolares e das litografias, uma Idade Média ao mesmo tempo concreta e poética. Sandrine-Bonnaire encarna de modo muito convincente uma Joana “em carne e em voz, em gestos e atrepios” (Jean-Michel Frondon, *Le Monde*, 10 de fevereiro de 1994, p. VI), síntese viva do mito e do cotidiano, do banal e do lendário, do real e do sagrado. E mesmo quando os cineastas americanos – como Kevin Reynolds, com *Robin Hood, príncipe dos ladrões*, em 1990 – voltam ao grande espetáculo hollywoodiano, o tom adotado é muito próximo do estilo paródico da história em quadrinhos... Uma Idade Média humorística fez o sucesso de *Monty Python, o Cálice Sagrado* (1974).

A história em quadrinhos não fica de fora: longe do estilo clássico da “linha clara”, desenvolvido por um dos mestres da escola franco-belga, Jacques Martin, nas aventuras de *Jhen*, reencarnação medieval de Alix na época do inquietante Gille de Rais, François Bourgeon lança o leitor de *Companheiros do crepúsculo* – envolvente trilogia composta por *Sortilégio do bosque das brumas*

(1984), *Olhos de estanho da cidade glaura* (1986) e *O último cântico dos Mala-terre* (1990) – numa visão desordenada da Idade Média, a meio caminho entre o sonho e a realidade, à qual o grande público reservou um acolhimento caloroso: foram vendidos mais de cem mil exemplares do terceiro álbum...

Este sucesso é, no entanto, eclipsado pela voga dos romances medievais de Jeanne Bourin. De *La chambre des dames*, em 1979, aos *Compagnons d'éternité*, em 1992, passando por *Le jeu de la tentation*, em 1981, Jeanne Bourin, romancista hábil, explora um verdadeiro filão medieval tomando sistematicamente a contra-pé a visão de pesadelo difundida pelos epígonos de Victor Hugo e celebrando uma Idade Média idealizada, vestida de cândida probidade e de branco. Seu quadro otimista da condição da mulher no tempo das catedrais (*La femme au temps des cathédrales*, Régine Pernoud), embora vigorosamente contestado pelos especialistas da Idade Média masculina (*Mâle Moyen Age*, Georges Duby), nem por isso deixou de fazer chorar as leitoras populares. Em 1985, a crônica da família Brunel, ourives parisiense do século XIII, evocado em *La chambre des dames*, atinge, com mais de 1.650.000 exemplares vendidos (sem contar as edições de bolso), as cifras de venda vertiginosas dos *best-sellers* de verão. Quanto a *Le jeu de la tentation*, ultrapassa os dois milhões de exemplares...

—Mesmo a música de hoje reata com a inspiração medieval. No século XIX, os mestres de ópera encontraram material para suas criações líricas numa Idade Média atormentada sobre a qual projetavam os reflexos dos dramas contemporâneos (guerras civis, revoluções, complôs, sangrentos golpes de Estado etc.). Em *Guilherme Tell* (1929) e *Rienzi* (1840) – transposição do destino trágico do tribuno romano Cola de Rienzo – Rossini e Wagner celebram o combate solitário, em geral incompreendido e vão, do herói romântico pela liberdade do povo. *Atila* (1846) e as *Vésperas Sicilianas* (1855) de Verdi ressoam inflamados pelos patrióticos pela independência e unidade italianas. Em 1879, com *Étienne Marcel*, Saint-Saëns celebra, no início da III República, um fulminante precursor da democracia. Ora, no fim do século XX, Olivier Messiaen e Marcel Landowski reatualizam estas raízes medievais, o primeiro em 1983, com *Saint François d'Assis*, o segundo em 1985, com *Montségur*, a partir do romance do duque de Levis-Mirepoix, que recria o trágico destino de Romeu e Julieta na região cátara. Paralelamente, manifesta-se uma verdadeira mania do canto gregoriano e da música medieval tocada em instrumentos antigos, de que é testemunho o sucesso internacional, em 1994, de *Canto Gregoriano*, uma compilação de 32 cantos gregorianos entoados pelos beneditinos do mosteiro de São Domingo de Silos, na Espanha.

Entretanto, apesar das aparências, o grande retorno da Idade Média na cena contemporânea distingue-se radicalmente da ressurreição romântica anterior por duas razões principais. Em primeiro lugar, os românticos e seus epígonos da III República, horrorizados pelo fulgor sinistro das fogueiras acesas no Languedoc por inquisidores fanáticos, freqüentemente se metamorfosearam em “justiceiros”, para condenar retrospectivamente esta época maldita. Hoje, felizmente mantemos uma relação mais serena com nosso passado. Temos tendência a perceber a “barbárie” medieval não em nós, mas fora de nós, a projetá-la nos países fundamentalistas, como Bangladesh, entre outros povos islâmicos, nos quais as mulheres, como lembra Taslima Nasreen, “são atadas a uma fogueira e queimadas vivas, como as feiticeiras da Europa na Idade Média” (*Le Monde*, 8 de março de 1996, p. 15).

Por outro lado, enquanto os românticos eram indiferentes à pesquisa histórica, contentando-se, como Alexandre Dumas, em plagiar sem escrúpulos as crônicas medievais publicadas e considerando a Idade Média como um espaço de ambientação exótica quase infinito, os autores contemporâneos mantêm, ao contrário, um respeito escrupuloso, quase maníaco, pelo contexto histórico, fundado sobre o conhecimento de uma documentação histórica irrefragável. Na época romântica, o romancista não dava a mínima atenção para a verdade histórica e zombava do rato de biblioteca erudito; hoje, o autor, para evitar o pecado mortal do anacronismo, tornou-se especialista, e a aparência dos heróis e dos figurantes das obras de ficção, sejam romanescas ou cinematográficas, são a réplica exata daquela das personagens das miniaturas medievais.

A “NOVA IDADE MÉDIA” DOS HISTORIADORES

Os criadores contemporâneos mostram-se atentos mesmo a uma nova maneira de “fazer a história”, simbolizada por três obras maiores: *O domingo de Bouvines*, de George Duby, em 1973, *Montaillou, povoado occitânico*, de Emmanuel Le Roy Ladurie, em 1975, e *O nascimento do Purgatório*, de Jacques Le Goff, em 1981, que delineiam a face de uma “outra Idade Média”, Idade Média das profundezas, dos fundamentos, das estruturas, ressuscitada, desde 1964, por Jacques Le Goff em *A civilização do Ocidente medieval*. Esta “Nova História” prolonga e aprofunda as fulgurantes intuições formuladas em 1860 por Michelet em *A feiticeira*, relativas à história dos corpos, dos marginais, das mulheres, das sensibilidades coletivas. Desenvolve, sobretudo, a renovação da história social operada por Marc Bloch – fundada sobre os empréstimos metó-

dológicos recebidos das jovens ciências sociais: a sociologia, a etnologia e sobretudo a antropologia – que desemboca, com *Os reis taumaturgos*, em 1924, num esboço de história das mentalidades, bosquejo de uma antropologia histórica. Aplicada à história medieval, a “revolução cultural” provocada pela fundação da revista *Annales* por Lucien Febvre e Marc Bloch em Estrasburgo, em 1929, teve por consequência a aparição de novas problemáticas e de novos objetos, a destruição de velhos mitos românticos, enfim, uma nova visão da cronologia medieval inspirada pela “longa duração” braudeliana.

Entre os grandes canteiros abertos pela Escola dos *Annales*, três são particularmente mais inovadores: 1) o dos sistemas de parentesco, no qual se sobressai a influência de *Antropologia estrutural* de Claude Lévi-Straus, e da história das mulheres, continente por muito tempo injustamente ignorado e ao qual Georges Duby consagrou suas últimas publicações; 2) a história dos corpos, cujas principais orientações articulam-se em torno dos comportamentos alimentares e vestimentais, as relações amorosas, as atitudes face à doença, ao sofrimento e à morte; 3) os sistemas de representações, enfim, que constituem o coração, o “núcleo duro” da história das mentalidades, deste imaginário medieval que Jacques Le Goff foi um dos primeiros a explorar, enquanto Jean-Claude Schmitt propunha uma Idade Média dos gestos e das imagens. De seu lado, Georges Duby passou do estudo do mundo rural do Ocidente medieval ao mergulho nas mentalidades medievais evocadas por meio das produções artísticas e estéticas do *Tempo das catedrais* (1976).

Revisando a Idade Média, os autores da Nova História desembarçaram-na de todas as escórias, de todos os clichês folclóricos que a haviam desfigurado. Em *Le droit de cuissage*, por exemplo, Alain Boureau “quebrou o pescoço”, em 1995, de um dos mais célebres mitos românticos. No plano cronológico, os românticos haviam do início ao fim duas rupturas assustadoras: a derrocada da Antiguidade romana sob a vaga das hordas bárbaras vindas das estepes da Ásia Central, e as trevas da noite medieval varridas pela aurora da Renascença. Ora, a historiografia mais recente substituiu a noção de ruptura brutal pela de evolução e transição lenta, no mesmo momento em que a reflexão política repudiou o desejo de tabula rasa revolucionária nascida da fascinação cega dos intelectuais por “este grande clarão no Leste”. A partir do conceito de “Antiguidade Tardia”, pelo qual Henri-Irénée Marrou e Peter Brown substituíram o de “Baixo Império”, Jacques Le Goff propõe uma cronologia provocativa, fundada sobre o conceito braudeliano de “longa duração”. Trata-se de uma Idade Média muito longa, nascida de uma An-

tiguidade Tardia prolongada até o século X, dividida em três seqüências temporais: uma Idade Média Central que vai do ano 1000, desembaraçado de seus pretensos terrores, à grande peste de 1348; uma Idade Média Tardia, da Guerra dos Cem Anos à Reforma Protestante; por fim, um longuíssimo *Outono da Idade Média* (Huizinga) terminando, no nível das estruturas políticas, com a Revolução Francesa e, no plano das mentalidades, com a Revolução Industrial do século XIX...

Em 1982, um autor de excepcional envergadura intelectual, Umberto Eco, medievalista, semiólogo e romancista – que seduziu mais de onze milhões de leitores por todo o mundo com um erudito e sutil romance a meio caminho entre Rabelais e sir Arthur Conan Doyle – realiza com *O nome da rosa* a síntese entre ressurreição romântica da Idade Média, tal como o fizera Victor Hugo com *Notre-Dame de Paris*, e a tentativa de percepção global da sociedade medieval operada pela Escola dos *Annales* há cerca de trinta anos.

Há, por fim, um último fenômeno graças ao qual a França do “fim do século” distingue-se, na sua abordagem da Idade Média, da época romântica. Há 150 anos, a redescoberta deste longínquo “planeta” só concernia à elite cultivada e afortunada da sociedade francesa. Hoje, é quase que ao conjunto da população que se endereça, se não a renovação dos estudos medievais, ao menos o grande retorno da Idade Média, sob a dupla forma do turismo cultural e da pseudofesta de fantasias medievalescas, da qual a moda se propagou como um rastilho de pólvora, há 15 anos, na França profunda.

No começo, esta situação foi, talvez, o resultado de um concurso de circunstâncias: em 1975, o inesperado sucesso de *Montaillou, povoado occitano*, obra de um erudito professor do Collège de France, publicada pela editora Gallimard na austera coleção “Bibliothèque des Histoires”, dirigida por Pierre Nora, foi levada pela onda do regionalismo occitano e bretão – o triunfo de *Montaillou* é contemporâneo ao de *Cheval d'orgueil* de Pierre-Jakez Hélias – no momento em que se questionava os efeitos negativos do crescimento (poluição desastrosa, êxodo rural, desertificação dos campos, desaparecimento de espécies animais e vegetais etc.), trazendo retrospectivamente a redescoberta um pouco idealizada das raízes rurais e medievais da civilização moderna, deste “mundo que perdemos” e a contestação do papel centralizador do Estado jacobino, especialmente nas regiões do planalto de Larzac e no Sul da França. Desta perspectiva, *Montaillou* prolonga e acompanha o sucesso editorial do belo afresco que Michel Roquebert consagrou, de 1970 a 1996, na editora Privat de Toulouse, à *Épopée cathare* e a este lugar de memória fundador

para a identidade occitana que se constitui *Montségur*, tornado há trinta anos uma espécie de local de peregrinação emblemática...

Por outro lado, para tornar mais acessível a um maior número de leitores os avanços da pesquisa científica, os representantes da Nova História reatam com sucesso a relação com um gênero histórico que os fundadores da revista *Annales* votavam à execração pública, mas que fora da França os historiadores – em especial nos países anglo-saxônicos – sempre praticaram de maneira fecunda: a biografia. Abandonando anedotas pitorescas e fatos diversos, a biografia torna-se atualmente um quadro cronológico útil para apreender o passado na sua globalidade.

Por fim, os clássicos da literatura medieval estão atualmente acessíveis ao grande público em edições bilingüe de bolso: nas prateleiras das livrarias eles estão ao lado de uma seleção de clássicos da literatura romântica inspirada pelos tempos medievais que, para os apaixonados pela história, permanecem uma fonte de emoções sempre vivas. Em 1981, resenhando, em *Temps immobile*, a publicação de um volume de Michelet na coleção “Bouquins”, Claude Mauriac observa: “simplesmente li Michelet, o da *Idade Média*, em estado de arrebatamento, tomando a palavra no sentido de êxtase, encantamento, exaltação”.

O mais importante, no entanto, é outra coisa: na aurora do terceiro milênio, a Europa, com a ampliação do seu espaço comunitário e a aceleração de sua construção, reencontra a face da Cristandade medieval sem o pior – as epidemias de peste, as fomes, as guerras civis, as cruzadas religiosas – e sim com o melhor, em particular a intensidade das trocas comerciais, artísticas, culturais e intelectuais...

CHRISTIAN AMALVI

Tradução de José Carlos Estêvão

Orientação bibliográfica

- AMALVI, Christian. *Le Goût du Moyen Âge*. Paris, 1996.
- APPRENDRE le Moyen Âge aujourd'hui, 1987. (número especial de *Médiévales*, 13).
- AT SMA, Hartmur; BURGUIÈRE, André (eds). *Marc Bloch aujourd'hui: Histoire comparée et sciences sociales*. Paris, 1990.
- BAUMGARTNER, F.; LEDUC-ADINE, J. -P. (ed.). *Moyen Âge et XIX^e siècle. le mirage des origines*. Actes du colloque de mai 1988. *Littéval*. Nanterre, 6, 1990.
- BRANCA, Vittore (ed.). *Concetto, storia, miti e immagini del Medio Evo*. Florença, 1973.
- CAPITANI, Ovidio. *Medioevo passato prossimo. Appunti storiografici, tra due guerre e molte crisi*. Bolonha, 1979.
- CLARK, Kenneth. *The Gothic Revival. A Study in the History of Taste*. Londres, 1928.
- ECO, Umberto. “Dieci modi di Sognare il medioevo”. In: *Sugli specchi e altri Saggi*. Milão, 1985. p. 78-89.
- _____. “Le nouveau Moyen Âge”. In: *La guerre du faux*. Paris, 1985. p. 87-116.
- FUHRMANN, Horst. *Überall ist Mittelalter. Von der Gegenwart einer vergangenen Zeit*. Munique, 1996.
- GENTRY, Francis G.; KLEINHENZ, Christopher (eds.). *Medieval Studies in North America: Past, Present and Future*. Kalamazoo, 1982.
- GOSSMAN, Lionel. *Medievalism and the Ideologies of the Enlightenment. The World and Work of La Curne de Sainte Palaye*. Baltimore, 1968.
- LE GOTHIQUE retrouvé avant Viollet-le-Duc. Paris, 1979.
- HARTMANN, Wilfried (ed.). *Mittelalter, Annäherungen an eine fremde Zeit*. Regensburg, 1993.
- L'HISTOIRE médiévale en France: bilan et perspectives. Paris, 1991.
- KAHL, Hans Dietrich. “Was bedeuten Mittelalter?”. *Saeculum*, 40, p. 15-38, 1989.
- LA BRETÈQUE, François de. “Le regard du cinéma sur le Moyen Âge”. In: LE GOFF, J.; LOBRI-CHON, G. (eds.) *Le Moyen Âge aujourd'hui. Trois regards sur le Moyen Âge: histoire, théologie, cinéma*. Paris, 1998, p. 283-326. (cerisy-la-salle, 1991).
- LE GOFF, Jacques. “As Idades Médias de Michelet”. In: *Para um novo conceito de Idade Média [1997]*. Tradução portuguesa. Lisboa: Estampa, 1980. p. 19-42.
- _____. “Pour un long Moyen Âge”. *Europe*, número especial, *Le Moyen Âge maintenant*, Out., 1983.
- LIRE le Moyen Âge, 1996. (número especial de *Équinoxes*, 16).
- LE MOYEN Âge au cinéma, 1985. (número especial dos *Cahiers de la cinémathèque*, 42-43).
- MOYEN ÂGE, mode d'emploi, 1984. (número especial de *Médiévales*, 7).
- NEDDERMEYER, Uwe. *Das Mittelalter in der deutschen Historiographie vom 15. bis zum 18. Jahrhundert. Geschichtsgliederung und Epochenverständnis in der frühen Neuzeit*, 1988.
- PERRIN, Michel (ed.). *Dire le Moyen Âge hier et aujourd'hui*. Atas do Colóquio de Laon (1987). Arniens, 1990.
- VOSS, Jürgen. *Das Mittelalter im historischen Denken Frankreichs. Untersuchungen zur Geschichte des Mittelalterbegriffes von der zweiten Hälfte des 16. bis zur Mitte des 19. Jahrhunderts*. Munique, 1972.
- WARD, Patricia A. *The Medievalism of Victor Hugo*. Filadélfia, 1975.
- WORKMAN, Leslie J. (ed.). *Medievalism in Europe (Germany, Italy, France)*. Cambridge, 1994.